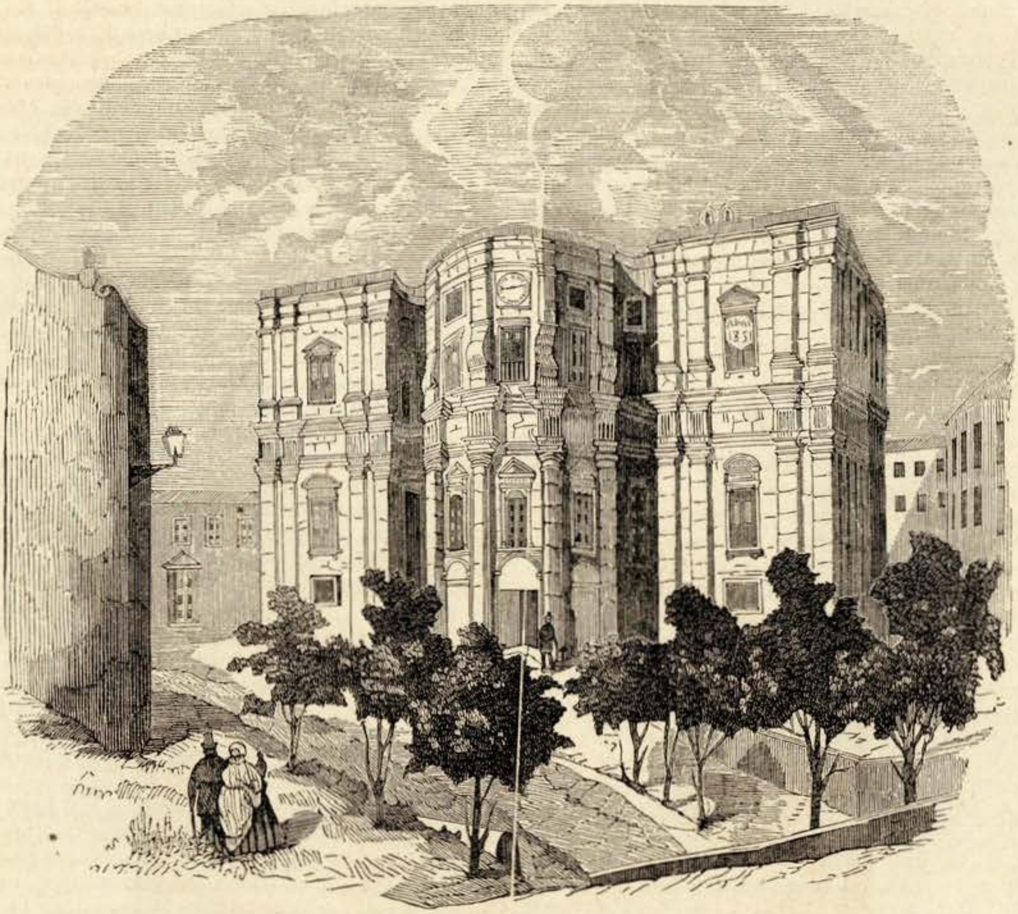


Egreja de Santa Engracia. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

No campo de Santa Clara, para a parte do occidente, existiu a primitiva parochial egreja de Santa Engracia, que, a par da de Santa Isabel, é das mais populosas freguezias de Lisboa. A infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, e que é celebre por suas virtudes e amor das letras, teve seu palacio no campo de Santa Clara, e foi quem impetrou do papa Pio V a erecção d'aquella nova freguezia, desmembrando uma parte consideravel da de Santo Estevão.

Em a noite de 15 de janeiro de 1630 na referida egreja perpetrou-se o desacato de roubo das sagradas fórmas, com intenção manifesta de commetter este desatino, pois que o cofre, que é de tartaruga, cintado de prata, ainda existe e se guarda no convento do Desaggravo, fundado pela infanta D. Marianna.

Ligada com este facto anda uma tradição popular, que os bons escriptores reputam fabulosa ou pelo menos revestida de circunstancias que só tiveram origem na imaginação do inventor. Diz-se que um sujeito galanteava uma freira do convento de Santa Clara, que tambem ficava para aquelles sitios, e que o terremoto arrazou; ía altas horas da noite fallar-lhe, e quando chegava perto do mosteiro entrapava com pannos os cascos do cavallo para não fazerem bulha as ferraduras; accrescenta-se que assim fôra colhido pela justiça, que procurava os criminosos do desacato, tendo sido este conhecido logo de madrugada; preso e sentenciado, quando já no oratorio, nada tendo confessado, por não querer revelar seus amores e macular a reputação da freira, ella ainda assim receiosa lhe mandou dois melões, um inteiro, outro, como se diz vulgarmente, calado, no que lhe fazia perceber que devia morrer com seu segredo, escrevendo-lhe além d'isso n'um bilhete a simples phrase: — «o calado é o melhor » — Esta lenda deu assumpto a um bello romance em verso, do sr. Cascaes, que vem no volume do *Panorama* do anno 1842.

Certo é que o procedimento para descobrir os auctores do delicto foi qual o dos seculos da barbaridade. Deitaram-se pregões, de manhã muito cedo, para que ninguem saísse de casa até novo bando em contrario, e a justiça correu as habitações, indagando quem tinha saído na mencionada noite, para que, e para onde, o resultado foi prenderem um Simão Pires Soliz (ou Lopes Soliz, como outros escrevem), que tinha andado fóra de casa e não respondeu coherente aos officiaes de diligencia; e sem mais prova do que esta, e a de ser homem havido por turbulento, e demais d'isso christão novo, impoz-se-lhe e executou-se a pena de ser queimado vivo, depois de lhe deceparem as mãos.

O juiz que proferiu a sentença foi Gabriel Pereira de Castro, bem conhecido pelo seu poema a *Ulisséa* e outras obras. Diz-se tambem que, sendo justiçado em Castella, por diverso crime, um réo que lá anda-

va foragido de Portugal, tinha declarado ser complice do desacato, e que Simão Lopes morrêra innocente; que o juiz, desde que tal soube, quasi endoudecêra, afigurando-se-lhe ver sempre o ensanguentado spectro do padecente, que elle julgára como réo do nefando delicto.

Em desaggravo fundou-se uma confraria intitulada dos escravos do SS.mo Sacramento, composta dos cem principaes fidalgos da côrte; e determinaram erigir um templo sumptuoso no local da antiga parochia, que por esse motivo foi transferida para a ermida do Paraiso, onde permaneceu até 1835, em que passou para a sua actual séde na egreja que foi dos padres barbadinhos italianos, na calçada que dos mesmos tomou nome; por quanto, as proverbiaes obras de Santa Engracia, traçadas com vasto plano levantando uma montanha de cantaria, pararam na cimalha; e, em vez de templo do Senhor, tem sido habitação de corujas.

M.

VIDA DE LORD BYRON

POR MOORE

Estudo critico por Macaulay

II.

Continuação

Não é sómente nas bellas artes que esta falsa correcção é exaltada pelas intelligencias curtas, pelos homens que não podem distinguir os meios dos fins, e o que é accessorio, do que é realmente essencial. Mr. Jourdain admirava a correcção no jogo de esgrima. Não devieis ferir-me agora. Vós não devieis atirar-me em quarta, sem que eu vos tivesse atacado em terça. Mr. Tomès adora a correcção na pratica da medicina. Eu sou da opinião de Artemino, Que elle matou o doente, é evidente; porém matou-o segundo as regras. Um homem morto é um homem morto; não ha que ver. Porém, se as regras fossem desprezadas, que consequencias se não poderiam derivar de simlhante infracção!» Ouvimos contar isto de um velho allemão, que era grande admirador da correcção nas operações militares. Elle costumava injuriar Bonaparte por estragar a sciencia da guerra, levada a uma perfeição tão extremada pelo marechal Daun. «Na minha mocidade costumava-se marchar e contramarchar todo o verão sem ganhar ou perder uma legoa quadrada, e então entravamos em quarteis de inverno. E agora apparece um ignorante, um rapaz de cabeça esquentada, que caminha de Boulogne até Ulm, e de Ulm até ao centro da Moravia, e dá batalha em dezembro. Todo o seu systema de tactica é horrorosamente incorrecto.» Mas o mundo é d'opinião, em despeito de criticos eguaes a estes, que o fim da esgrima é ferir, que o fim da medicina é curar, que o fim da guerra é conquistar, e que os meios serão tanto mais correctos, quanto melhor com elles se conseguirem os fins.

E a poesia não terá nenhum fim, nem eternos e immutaveis principios? Será a poesia, como a heraldica, uma materia que se preste a regulamentos arbitrarios? Os cultores da heraldica dizem-nos que uns certos escudos e uns certos brasões mostram taes e taes condições, e que pôr côres sobre côres, ou metaes sobre metaes, é falsa armaria. Se tudo isto se destruisse, se cada cotta d'armas na Europa se renovasse totalmente, se agora se decidisse que o ouro se podesse collocar sobre a prata, ou a prata sobre o ouro, que a bastardia se poderia verificar por um lozango, e a viuvez por uma curva, a nova sciencia poderia ser tão boa como a antiga; porque tanto a velha, como a nova sciencia, para pouco prestariam. Porém não acontece assim com aquella grande arte imitativa, cuja influencia todas as epochas, as cultas como as rudes, sentem e conhecem. Desde que appareceram certas obras primas, tudo quanto é susceptivel de mudança, mudou. A civilisação conquistou-se, perdeu-se depois, recuperou-se outra vez. As religiões, as linguas, os governos, os habitos da vida privada, as maneiras de pensar, tudo experimentou successivas revoluções. E evidente que tudo tem desapparecido, excepto as grandes fórmas da natureza, e o coração do homem, e os milagres d'aquella arte, cuja missão é descrever o coração do homem, e as fórmas da natureza. Aquelles dois velhos poemas tão extraordinarios, o envelo de noventa gerações, ainda conservam todo o seu viço e frescura. Elles intimam do mesmo modo a admiração a espiritos deleitados pelo conhecimento das litteraturas de muitas nações e de variados seculos. São ainda, embora desfigurados em miseras traducções, as delicias dos estudantes. Tendo sobrevivido a milhares de modas caprichosas, tendo contemplado codigos successivos de critica, tornando-se obsoletos, chegaram até aos nossos dias immortaes com a immortalidade da verdade, não se differençando, quando lidos nas escholas de um estudante inglez, do que eram quando pela primeira vez foram cantados nos banquetes dos principes da Jonia.

A poesia é, como está dito ha dois mil annos, imitação. E uma arte analoga, a muitos respeitos, á arte da pintura, da esculptura, e da declamação. As imitações do pintor, do esculptor e do actor são todavia, dentro de certos limites, mais perfeitas que as dos poetas. O mechanismo que o poeta emprega compõe-se unicamente de palavras: e as palavras não podem, ainda mesmo quando empregadas por artistas taes como Homero e o Dante, apresentar á mente imagens dos objectos visiveis tão expressiva e exactamente como as que nos ficam impressas na memoria contemplando as obras debuxadas pelo pincel, ou arrancadas do marmore pelo escopro. Porém, de outro lado, o horisonte da poesia é infinitamente mais vasto do que qualquer das outras artes de imitação, e tambem do que o d'ellas todas reunidas. O esculptor só póde imitar a fórma: o pintor só a fórma e a côr: o actor, ainda que o poeta o auxilie com as palavras, só a fórma, a côr, e a acção.

A poesia possue o mundo exterior com as outras artes; mas o coração do homem pertence-lhe, e pertence-lhe exclusivamente. O pintor, o esculptor e o actor não lhes é licito representar das paixões e caracter do homem, senão aquella pequena parte que se manifesta no gesto e no semblante, indicio sempre imperfeito, quando não é enganoso, do que se passa dentro d'elle. Os predicados mais profundos e mais complexos da organisação humana sómente podem revelar-se por meio de palavras. Por isso os objectos que a poesia imita são tudo quanto pertence ao universo externo e interno, a ordem da natureza, as vicissitudes da fortuna, o que o homem é em si mesmo, o que o homem é no seio da sociedade, todas as cousas que realmente existem, e todas as cousas das quaes podêmos reproduzir a imagem no nosso espirito, combinando juntamente partes de cousas que realmente existem. O dominio d'esta arte omnipotente está em proporção com as faculdades da nossa imaginação.

Uma arte, como esta, essencialmente imitativa, não póde certamente existir sujeita a regras que tendem a tornar uma imitação menos perfeita do que por outro meio póde ser; e os que obedecem a similhantes regras devem ser denominados, não correctos, mas incorrectos artistas. O verdadeiro modo de apreciar as regras pelas quaes a poesia ingleza

foi dirigida durante o ultimo seculo, é examinando os effeitos que ellas produziram.

Foi no anno de 1780 que Johnson deu á luz as suas Vidas dos Poetas. Diz-nos n'aquella obra que, desde o tempo de Dryden, a poesia ingleza não havia mostrado tendencia para reincidir na sua primitiva rudeza, que a sua linguagem havia sido requintada, a sua harmonia melhorada, e os seus sentimentos engrandecidos. Deve-se por ventura duvidar se uma nação tinha muita razão para exultar pelos requintes e progressos que lhe davam «Douglas» por «Otello» e os «Triumphs of Temper» pela «Fairy Queen.»

Fôra durante os trinta annos anteriores á apparição das «Vidas de Johnson» que a dicção e a versificação da poesia ingleza haviam sido, no sentido em que esta palavra é geralmente usada, mais correctas. Aquelles trinta annos são, em relação á poesia, o periodo mais deploravel da nossa historia litteraria. Esses annos não nos legaram a nós senão uma ou outra poesia que mereça ser commemorada. Duzentos ou trezentos versos de Gray, o duplo de Goldsmith, umas poucas d'estancias de Beattie e Collins, umas poucas de strophes de Mason, e alguns agudos prologos e satyras, eram as obras primas d'esta epocha de consummada excellencia. Poderiam ser publicadas n'um unico volume, e o volume não seria, por isso, um volume de extraordinario merito. Não conteria nenhuma poesia de primeira ordem, e poucas poderiam ser collocadas em logar subido nas de segunda. O «Paraiso reconquistado» ou «Comus» levariam a palma a todas.

A final, quando a poesia degenerou a ponto de que mr. Hayley foi considerado um grande poeta, começou-se a conhecer que o excesso do mal havia de trazer a cura. O publico cançou-se de uma insipida submissão a uma eschola, cuja auctoridade se não derivava nem da razão, nem da natureza. Uma critica superficial levára-os a conceder uma estima supersticiosa á espuria correcção dos poetastros. Uma critica mais profunda conduziu-os á verdadeira correcção dos primeiros grandes mestres. As leis eternas da poesia recuperaram o seu poder, e os ephemeros caprichos da moda, que haviam suspendido aquellas leis, desappareceram como a cabelleira de Lovelace, e a saia entufada de Clarisse.

Foi n'uma fria e esteril estação que as sementes d'aquella rica colheita, que nós haviamos ceifado, foram primeiro semeadas. Em quanto a poesia se ia tornando cada dia mais debil e mechanica, em quanto a versificação monotona que Pope introduzira, que já não era sustentada pelo seu brilhante espirito, e pela sua cheia elocução, empallidecia no sentimento publico, e as grandes producções dos velhos mestres cada dia adqueriam mais o apreço que ellas mereciam.

Os dramas de Shakspeare eram melhor representados, tinham melhores edições, e eram mais conhecidos do que nunca. As nossas famosas balladas antigas começaram a ser lidas outra vez com prazer, e tornára-se moda imital-as. Muitas d'estas imitações eram totalmente deploraveis; porém mostravam que esses homens tinham finalmente começado a admirar a excellencia d'aquillo com que lhes era impossivel competir. Uma revolução litteraria estava imminente. Havia uma agitação no espirito do publico, um irresistivel impulso para alguma cousa nova, uma disposição invencivel para saudar com effusão a minima tentativa que désse indicio, ou tivesse apparencia de originalidade. Uma epocha de reformas é sempre fertil de impostores. A mesma situação exacerbada de sentimentos que produziu a grande separação da Sé de Roma, originou tambem os excessos dos Anabaptistas. A mesma commoção do espirito publico da Europa, que derribou os velhos abusos do antigo governo francez, fez nascer os Jacobinos e os Theophilantropos. Macpherson e Della Crusca foram para os verdadeiros reformadores da poesia ingleza o que Knipperdoling foi para Luthero, ou Clootz para Turgot. O successo que obtiveram as falsificações de Chatterton, e até as mais despreziveis ainda de Ireland, mostraram que se começava a amar a velha poesia com calor, porém sem prudencia. O publico já não estava disposto a consentir historias sem verisimilhança, e a admirar livros sem merito. Qualquer cousa que podesse quebrar a monotonia sem sabor da eschola correcta seria bem recebida.

O precursor da grande restauração da nossa litteratura foi Cowper. A sua carreira litteraria começa e acaba quasi ao mesmo tempo do que a de Alfieri. Uma comparação entre Alfieri e Cowper parecerá talvez, á primeira vista, tão extravagante, como a que um sacerdote presbyteriano realista fez em 1745 entre Jorge segundo e Enoch. Dir-se-ha que o acanhado, suave e melancholico calvinista, que não tinha coragem para ganhar a vida lendo o titulo do Bills na Casa dos Communs, e cujos companheiros favoritos eram uma velha senhora cega, e um evangelico theologo, não póde ter nenhuma relação com esse altivo, ardente, e voluptuoso fidalgo, arrojado cavalleiro, e libertino, que se batia com lod, Ligonier em Hyde-Park, e raptava ao pretendente a sua esposa. Porém ainda que a vida privada d'estes homens notaveis não offereça quasi nenhum ponto de comparação, a vida litteraria de ambos apresenta uma proxima analogia.

Ambos encontraram a poesia no mais abatido estado de degradação, fraca, artificial, e totalmente enervada. Ambos possuiam exactamente o talento que se carecia para a levantar de um tão profundo aviltamento. Não podem, na rigorosa significação da palavra, ser considerados como grandes poetas. Elles não possuiam em alto grão o poder creador;

«The vision and the faculty divine»

porém eram dotados de grande vigor intellectual, de um vivo ardor de sentimentos, e d'aquillo que, nas suas circunstancias, era sobre tudo importante, de uma virilidade no gosto, que tocava os limites da rudeza. Elles não traficavam em versificação mechanica, e em phrases sacramentaes. Escreviam sobre assumptos que ardentemente excitavam o seu coração, e por isso, ainda quando lhes faltasse outro attractivo, sobrava-lhes sempre aquelle que a sinceridade e a energia da paixão concede ás mais agrestes e ás mais grosseiras composições. Qualquer d'elles se inspirava de um nobre e pathetico objecto, fertil de imagens, que ainda não haviam sido prostituidas. A liberdade era a musa de Alfieri, a religião a musa de Cowper. A mesma verdade encontra-se nos seus mais brilhantes trechos. Elles não pertenciam ao numero d'aquelles que pediam perdão á severidade, ou deploravam a ausencia de uma imaginaria dama nas suas melodiosas banalidades. Em vez de correr após as phantasticas Chloes e Sylvias, Cowper escreveu a respeito das agulhas de meia de mr. Unwin. Os unicos versos de amor que Alfieri compõe, eram dirigidos a uma mulher que elle verdadeira e apaixonadamente amou. «Tutte le rime amorose che seguono, diz elle, tutte sono per essa, e ben sue, e di lei solamente; poichè mai d'altra donna per certo non cantero.»

Estes homens eminentes não eram livres de affectação. Porém a sua affectação era totalmente diversa da affectação que dominava no seu tempo. Qualquer d'elles exprimia, em energia e aspera linguagem, o desprezo que sentia pelos poetastros affe-

minados que estavam em voga na Inglaterra e em Italia. Cowper queixa-se que

«Manner is all in all, whate'er is writ,
The substitute for genius, taste, and wit.»

Elle louva Pope: lamenta todavia que Pope tenha

«Made poetry a mere mechanic art,
And every warbler had his tune by heart.»

Alfieri falla do mesmo modo referindo-se ás tragedias dos seus predecessores. «Mi cadevano dalle mani per la languidezza, trivialitá e prolissitá dei modi e del verso, senza parlace poi della suernavetezza dei pensieri. Or perché mai questa nostra divina lingua, si maschia anco, ed energica, e faroce, in bocca di Dante, dovra ella farsi cosi sbidiata ed eunnuca nel dialogo tragico?»

Homens que se affligiam por este modo do languido estilo dos seus contemporaneos tinham a rudeza apenas por peccado venial, ou antes por um merito positivo. Pelo seu odio de ornatos meretricios, d'aquillo que Cowper denomina «doçura de creme» (creamy smoothness) caíram no defeito opposto. O seu estilo foi demasiado severo, a sua versificação demasiadamente aspera. Não é facil, todavia, recompensal-os sufficientemente pelo serviço que ambos prestaram ás letras. O valor intrinseco dos seus poemas era consideravel; porém o exemplo de insurreição que elles encetaram contra um systema absurdo, não tem preço: a parte que lhes coube foi antes a de Moyses, do que a de Joshua; abriram as portas da casa do captiveiro; porém não entraram na terra da promissão.

Continúa *L. de M.*

VIAGENS EM HESPANHA.

BARCELONA.

I.

Ao decair do dia 6 de outubro de 1853 largava do Gráo, ou porto de Valencia, o vapor francez *Isabelle*, em que eu navegava. Era justamente quando o sol tocava nas cumiadas das montanhas que circundam a rica veiga ou *huerta* da cidade do Cid, parecendo alli demorar-se para dar mais realce á linda scena que se apresentava.

No azulado e puro ceo ligeiras nuvens reflectiam as côres do fim da tarde, e a lua nova, pouco elevada sobre o horisonte, parecia o desmaiado crescente musulmano, que de alto contemplava ainda com inveja a formosa terra de Hespanha!

Os edificios e as torres da cidade desenhavam perfeitamente seus recortados perfis no azul escuro de longinquas montanhas, que a um e outro lado se prolongam em ondulações graciosas, abrangendo um semi-circulo do horisonte, e formando o golfo de Valencia.

A limpidez e quietação das aguas, sobre as quaes o vapor corria rapido, a leve brisa, o ar tepido e perfumado, completavam o encanto d'esta scena, a mais bella que observei nas costas da Hespanha.

Anoiteceu. Sentado no tombadilho, caí n'aquelle embevecimento intellectual que me é ordinario em taes situações, e de que só fui despertado d'improviso por fortes e magicos sons de voz feminil, que partiam da camara acompanhados ao piano.

Desci logo, e continuei a ouvir cantar uma joven e bonita catalã, que havia embarcado em Valencia, e que muito nos deleitou com algumas arias italianas e chistosas canções andaluzas. Sua voz de contralto era bella, e excellente seu methodo de canto e de acção, parecendo fadada para celebre cantora. Chamava-se Carmen Poch, tinha dezoito annos, e viajava com seu pae.

Toda a noite navegámos com bonança, e ao romper do dia estavamos em frente de Tarragona, porém muito distante da terra.

Das oito horas em diante fomos seguindo mais proximos á costa, que é toda bordada de povoações, no meio de campos e collinas bem cultivadas, descobrindo-se ao longe a elevada montanha de Monserrate, que similha uma reunião de immensos cones separados uns dos outros, collocados sobre rochedos isolados, e elevando-se a mais de 3:000 pés acima do solo. Seu aspecto é que lhe faz dar o nome de Monserrate, ou monte dentado como serra, e segundo as lendas do paiz estas fórmas singulares e caprichosas, como se a montanha se tivera rasgado em mil pedaços, foram produzidas pelas convulsões da natureza no momento em que Christo foi crucificado.

A circumferencia total da montanha dizem ser de oito a dez legoas; a altura dos rochedos conicos regula de sete a cincoenta metros, desde a base até ao cume. No interior tem vastos subterraneos e grutas. No alto existe o antigo mosteiro e sanctuario de Nossa Senhora do Monserrate, tão celebre na historia e na veneração do povo hespanhol, e que hoje, despojado de suas grandes riquezas, está quasi abandonado e caído em ruinas.

Pelas onze horas descobrimos ao longe o castello de Monjuich, e pouco a pouco os amenos arredores de Barcelona, d'onde se elevavam aos ares muitas d'essas ondulantes fachas de fumo, que denunciavam outros tantos centos da industria e actividade tão peculiar aos catalães.

Dobrada a ponta em que está situado o castello de Monjuich, se nos patenteou a cidade em toda a sua magnificencia.

Em 107 horas uteis, ou quatro dias e meio, percorremos 911 milhas (304 legoas) entre Lisboa e Barcelona, com escala e demora em Cadiz, Gibraltar, Malaga, Almeria, Aguilas, Cartagena e Valencia. Gastámos ao todo dez dias n'esta viagem, que é a mais agradavel e variada que se póde fazer no litoral da nossa peninsula.

Barcelona é a capital da provincia d'este nome, e do principado da Catalunha. Já existia no tempo dos romanos; e, segundo as melhores opiniões, foi fundada pelos carthaginezes, que lhe deram o nome do seu general Amilcar Barca. Hoje é a melhor cidade, mais manufactureira e mais commerciante de toda a Hespanha, e a alguns respeitos superior a Madrid. Está situada na orla de uma campina banhada pelo Mediterraneo, abrigada e quasi circundada por montanhas, que são prolongamento dos Pyreneos. Seu porto, ainda que pequeno, pouco fundo e mal seguro, é um dos mais frequentados da Europa.

A cidade conta mais de 120:000 habitantes dentro das muralhas, que a circundam tanto do lado do mar como da terra, sendo além d'isto defendida ao nordeste por uma cidadella, e ao sudoeste pelo forte de Monjuich, podendo conter ambos de nove a dez mil homens de guarnição.

A Rambla separa quasi ao meio a nova da velha cidade: era antigamente uma ribeira ou torrente chamada *Riera den Malla*, e hoje é um encantador passeio sombreado com bellas arvores, onde concorre o melhor da população de Barcelona, e que serve de *corso* nos afamados carnavaes d'esta cidade.

Na antiga cidade as ruas são feias, estreitas e tortuosas; mas a demolição do grande numero de conventos e velhos edificios, e as reconstrucções, todos os dias vão mudando o seu aspecto.

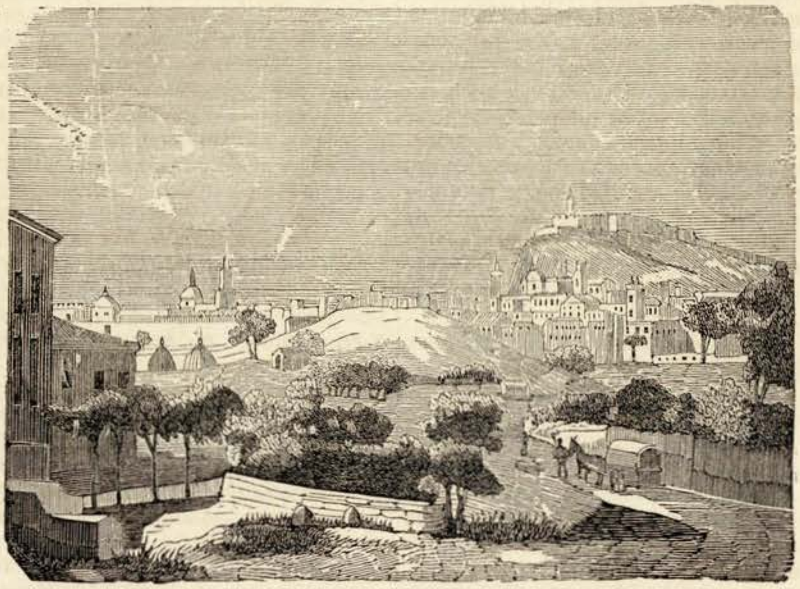
A cidade nova tem boas ruas, mas assim mesmo estreitas e sombrias; porque se tem aproveitado to-

dos os terrenos para construcções de fabricas e habitações, que já não são sufficientes para conter a população que se acha comprimida pelas muralhas, parecendo que estas apertam aquella immensa massa de edificios, como uma facha prestes a estalar.

Mais de cinco mil operarios vem todos os dias de grande distancia trabalhar na cidade, por não poderem achar n'esta casas para residir, não se podendo construir nas immediações até á distancia de tiro de peça das muralhas, por ser Barcelona considerada praça de guerra. O derrubamento d'estas muralhas já foi concedido por lei, e uma vez realisado, dentro em pouco a cidade, continuando seu actual progresso, se estenderia até Garcia, S. Gervasio, Sarria, Sanz e outras bonitas e importantes povoações dos arrabaldes, e occupando toda a campina até á raiz da montanha, se tornaria uma das mais importantes e bellas cidades da Europa. Outro desideratum dos barcelonezes é a construcção de um novo porto, o que lhes proporcionaria ainda mais elementos de prosperidade.

É curiosa e divertida cousa passear de noite na Rambla e principaes ruas das immediações no meio do immenso concurso que a este tempo frequenta as lojas esplendidamente illuminadas a gaz e com tal abundancia e variedade de productos, e magnificencia de ornatos, como se não encontra em Lisboa e Madrid; succedendo o mesmo a respeito do numero, grandeza e luxo dos botequins, contendo alguns columnatas, vasos de flores, fontes correntes, salões, pianos, etc., vendo-se em todos mulheres nos mostradores ou balcões, que são as cobradoras e escripturarias d'estes estabelecimentos.

Barcelona tem vastas casas de banhos, tambem excellentes e de apurado gosto e commodidades, e dois bellos theatros, o Principal e o do Lyceu, cuja sala é a maior dos theatros da Europa, tendo 105 pés de comprido por outros tantos de largura, excedendo



Uma vista de Barcelona. — Gravura de Coelho.

n'estas dimensões 4 pés as do grande theatro da Scala em Milão; tem a mesma curvatura que este, e o total da altura interior da sala é de 75 pés: conta 168 camarotes, e 1:400 cadeiras de platéa. Foi construido em 1845, e os ornatos, tanto exteriores como interiores, são no estilo do renascimento. O salão é magnifico: tem 4:500 pés quadrados, e ricas decorações.

Para se formar uma idéa geral de Barcelona cumpre subir ao alto da torre da cathedral, d'onde se goza o vasto e interessante quadro da cidade. Os passeios publicos attrahem logo a vista, principalmente a Rambla. Do lado da terra se eleva a Muralla de Tierra, ao longo da qual se estendem viçosas hortas, e d'alli partem, pelas portas de Santa Madrona e Santo Antonio, os caminhos para Monjuich e Madrid. As portas de Isabel II e del Angel dão saída para os jardins dos Campos Elysios, e são o ponto de partida de uma multidão de vehiculos e omnibus para todos os pontos dos arredores, por baratissimos preços. Na Puerta Nueva começa a estrada de França. Mais á direita se eleva a cidadella, e se descobre o passeio de la Esplanada e o Jardim del General. Finalmente o bello terrasso ou passeio denominado Muralla del Mar termina o circuito da cidade em figura irregular, cuja superficie tem successivamente augmentado em differentes epochas desde os romanos até aos nossos dias.

Ao longo da circunferencia de Barcelona, comprehendida entre os extremos que tocam no mar, ha uma formosa estrada com duas fileiras de arvores, cujo numero sobe a duas mil.

Barcelona é séde de um bispo, suffraganeo do arcebispado de Tarragona. Antigamente possuia 82 egrejas, 26 conventos de frades, 18 de freiras, e muitas confrarias; porém a maior parte d'estas casas religiosas desappareceram inteiramente, e os edificios foram destruidos ou mudaram de destino.

Conta seis hospitaes, sendo entre elles de mencionar o Hospital General de Santa Cruz, que abrange tambem os estabelecimentos de expostos e de asylo da infancia, e de ordinario contém de 1:300 a 1:400 pessoas, que trabalham em differentes misteres.

La Casa de Caridad mantém e occupa utilmente a mais de mil pobres, homens, mulheres e crianças. Tem dezeseis irmãs da caridade, que desempenham a sua sublime profissão com o zelo e affabilidade que tanto as distingue. O numero das irmãs da caridade sobe em Hespanha a alguns milhares, e encontram-se em quasi todos os estabelecimentos de beneficencia.

Lo Presidio é tambem um estabelecimento em lar-

ga escala, e dos melhores d'este genero na Hespanha. Os forçados, durante a sua detenção, aprendem varios officios, e com parte do producto do seu trabalho juntam um peculio que se lhes entrega quando são soltos.

Tem Barcelona muitos estabelecimentos de beneficencia e de utilidade publica, regidos por boas administrações. Só monte-pios ha alguns quarenta, e cada um sob a invocação de um santo. A Tabla ó Banco de los comunes depositos foi fundada em 1410, e talvez seja o mais antigo estabelecimento d'esta classe na Europa.

A sociedade de seguros mutuos de incendios, composta dos proprietarios segurados, póde servir de modelo n'este genero, tendo a seu cargo de parceria com a municipalidade a conservação e despezas da companhia de bombeiros.

São muitos os estabelecimentos de instrucção publica. A universidade comprehende as faculdades de jurisprudencia, de medicina e cirurgia, e de pharmacia: tem um reitor, quatro decanos e trinta e seis lentes, além de varias cadeiras de ensino secundario. Ha um seminario, escholas gratuitas da Junta do Commercio para sciencias naturaes e artes; e outras da Junta de Damas, de cegos e de surdo-mudos; lyceu, academias de medicina e cirurgia, de sciencias naturaes e artes, de bellas letras, de jurisprudencia e legislação, e outras instituições scientificas.

Contam-se quatro importantes archivos publicos. O da corôa de Aragão passa pelo mais antigo, copioso, completo e bem ordenado que se conhece na Europa: a antiguidade dos seus documentos remonta aos fins do seculo IX, havendo-os do anno 874, no tempo de Wifredo, primeiro conde soberano de Barcelona.

Consta esta preciosa collecção de 8:000 volumes em folio, 20:000 escriptos soltos, 900 bulas pontificias, e multidão de papeis authenticos e curiosos; isto além dos documentos pertencentes á antiga Diputacion General, hoje reunidos aos da corôa de Aragão, e que fórma uma collecção quasi egual á mencionada. Quando estive em Barcelona mudavam este famoso archivo, do edificio da Audiencia, onde se achava, para o supprimido convento de Santa Clara. O archivo do Real Patrimonio de Cataluña é reputado o terceiro de Hespanha, depois dos de Simancas e corôa de Aragão. O da cathedal conserva documentos que escaparam á catastrophe da entrada do famoso e terrivel Almansor em Barcelona, no anno de 986. O do Ayuntamiento é tambem rico em documentos, de que se tem servido a maior parte dos escriptores modernos da Hespanha.

A bibliotheca publica é de recente data; conta uns 50:000 volumes, que pertenceram aos conventos supprimidos, e tem annexo um museu de antiguidades. A bibliotheca episcopal, de uns 15:000 volumes, tambem está aberta ao publico.

Segundo recentes descobertas bibliographicas, parece que Barcelona foi a primeira cidade de Hespanha em que se fez uso da imprensa, no anno de 1468, e não em Valencia nos de 1474 e 75, como até agora se julgava. Hoje esta arte alli se exerce em larga escala, e com perfeição. O romance EURICO, do sr. A. Herculano, alli foi traduzido e publicado; o que é de mencionar, por serem muito pouco conhecidas no paiz visinho as modernas producções da litteratura portugueza.

Na cidade velha ha varias antiguidades romanas, e segundo alguns tambem carthaginezas; mas em Hespanha, como entre nós, o moderno furor da demolição tem destruido muitos dos monumentos e reliquias venerandas dos seculos passados. Uma das mais lastimaveis perdas n'este genero, que experimentou Barcelona, foi a do edificio conhecido vulgarmente pelos nomes de Castillo nuevo e Prision de Santa Eulalia, a que os historiadores e antiquarios hespanhoes chamaram sempre Torre de Caton, por se julgar que depois da guerra dos lacetanos, durante a qual esteve em Barcelona Marco Porcio Catão, quiz este, no tempo de paz, illustrar a cidade com edificios que recordassem seu nome, sendo um d'elles e talvez o unico, a referida torre, que em 1847 foi derrubada para se abrir uma nova rua. O monumento a que se ligava o nome de Catão caiu despedaçado aos golpes do camartello, e o espirito de especulação abriu caminho por entre as pedras romanas do castrum novum.

(Continúa).

C.

O AVARO.

(Continuado de pag. 279).

Suppondo tudo isto assim, faltará muito para provar a impossibilidade de colleccionar os phenomenos que a natureza, com infinita prodigalidade, distribuiu pela superficie do globo? Apanhemos o avaro para vermos que não. Sim, senhor: o avaro, por exemplo; como é que este notavel e mysterioso phenomeno poderia distinctamente fazer parte de um museu? responder-nos-ha alguem que o avaro é um homem como qualquer outro. Negâmos redondamente; e ainda negâmos mais: que pertença á raça animal.

O avaro é um ser de condições absolutas e relativamente excepcionaes. Do homem tem as fórmas e o colorido, o movimento e o fallar, mas não a alma. Do animal tem a vida physiologica, mas não o instincto.

Procura o homem as affeições do amigo e os carinhos da mulher para se desenfadar da monotonia da vida, para attenuar as tristezas do espirito, para satisfazer as aspirações do coração; procura o homem o trato do mundo, as fadigas do trabalho e do estudo, para ser util a si, aos seus, á sociedade, e engrinaldar a memoria da sua transitoria existencia com as saudades dos que lhe sobrevivem e os louros eternos da fama; procura o homem, nas horas e dias de folga, os recreios e os gozos; procura o homem os afflictos de corpo e alma, os orphãos de pae e mãe, para curar uns dos males physicos, com os auxilios da sciencia, matar-lhes a fome com a esmola, despertar-lhes o animo com palavras de esperança e fé, e crear, educar e dar arrimo aos outros. Procura, em fim, muitas vezes o homem a sua ruina, distribuindo toda a sua fortuna pelo proximo, para lhe alliviar o peso das suas desgraças. O animal procura os meios de satisfazer as exigencias que o corpo lhe pede, e não deixa escapar prêza que mais o farte e melhor lhe saiba, nem logar mais vantajoso para se deitar; o animal procura o sol para se aquecer, e recolhe-se da chuva que o incommoda; o animal procura ganhar as affeições do dono, para ser conservado, e acaricia-o com festas para manifestar-lhe a sua gratidão; o animal, em fim, procura a sua especie, para propagar-se e conservar-se.

Ora o avaro poderá ser homem, poderá ser animal, mas nada d'aquillo procura.

Pela solidão em que vive, o avaro só tem um bicho com o qual se pareça: é a aranha. Em tudo o mais não encontra rival. Um só e unico amor oscilla com movimento accelerado no seu coração: é o amor do dinheiro. Um só e unico pensamento lhe circumvalla o cerebro: accumular e conservar capitaes. Não ha homem que seja capaz de lhe ganhar affeição, nem mulher que o captive. No brilho espelhento do ouro

e da prata reflectem todas as suas paixões, todos os seus receios, todas as suas distracções, todos os seus gozos, porque o avaro sorri-se para o dinheiro com prazer e intima satisfação, ainda maiores, se assim podêmos caracterisar a paixão que o domina, do que o prazer e intima satisfação com que o homem sorri de ventura para a mulher que adora, ou para o amigo que idolatra.

Ao interior da sua habitação não chegam os gritos dos afflictos. A desgraça alheia não lhe falla senão ao egoismo; não lhe inspira compaixão, mette-lhe medo, assusta-o; não o convida a saír para soccorrer, aconselha-o a recolher-se mais; previne-o de que se acautele, de que seja mais economico ainda, para que não lhe venha um dia a acontecer o mesmo.

Foge do trato do mundo por não ter nada a fazer n'elle. O avaro não negoceia, pelo que não tem nem a utilidade, nem a unica virtude social do usurario, a coragem. Salva o usurario dos *apuros* os particulares e os governos; previne a quéda de muita casa: soccorre, alenta, desenvolve o commercio e a industria; é em fim, hoje o medico que trata, sangrando muito, é verdade, os padecimentos da sociedade actual com mais efficacia. O avaro porém, não empresta, nem mesmo a troco de nunca exigidos lucros. Com profunda magoa os renuncia; muito lhe luzem aos olhos cobiçosos; mas o emprestimo tem o risco da perda, e isto está em extrema contradicção com a lei capital do seu systema economico: *dinheiro seguro, só na mão*. Entre o usurario e o avaro ha a seguinte differença. Aquelle acha mais provavel os lucros do que as perdas; este acha mais provavel as perdas do que os lucros. O primeiro embarca com os olhos fitos na fortuna que lá no outro polo lhe está a sorrir e a chamal-o; o segundo fica na praia com os olhos fixos na tormenta que no meio da viagem poderia levantar-se e engulil-o.

O avaro olha para tudo por entre as fendas apertadas de um véo compacto e negro. Por isso o vereis quasi sempre triste e melancolico. Não ha flagello, não ha catastrophe possivel no mundo que não lhe esteja contante e activamente presente na sua lugubre imaginação, ameaçando-o mais a elle do que aos outros. Tudo quanto é seu e elle vivem á borda de um precipicio Se tem predios, por exemplo, não se lhe tira da cabeça o receio de um proximo terremoto. A cada instante se lhe afigura sentir tremer a terra, vêl-a abrir e sorver nas suas entranhas todos os seus bens. É um continuo sobresalto a sua existencia.

Das classes da sociedade só gosta de ver a policia por serem os inimigos praticos dos ladrões, gente que odeia tanto como a morte, gente que mais o assusta dia e noite. Explicar a sensação que o avaro experimenta quando se lembra que póde ser roubado; pintar a expressão que então lhe assoma ao rosto; descrever como os seus cabellos se arripiam, como os seus nervos se agitam, o movimento convulsivo de seus membros e a força, mais firme e vigorosa do que a d'um homem accommettido de violento accidente com que agarra e se abraça á burra, é para esgotar os recursos da lingua, e não dizer nada. Só vendo-o, e mesmo assim o raciocinio abdica em Deus a faculdade de apreciar. Quando esta febre o assalta no somno, acorda espavorido, salta logo para fóra da cama, e corre em continente direito ao thesouro. Só depois de o apalpar e sentir que está fechado, accende a luz. Então, percorre primeiro todas as casas armado com um par de pistolas e volta a contar o dinheiro, para melhor e confortativa justificação de que não está roubado. Esta scena do avaro é uma das mais curiosas. Com o terrivel sonho ainda não dissipado da imaginação, o mais pequeno estalo de uma taboa se lhe afigura o pé do ladrão: a mais leve corrente d'ar que sopra pelas gretas das portas lhe parece a respiração de gente que o espreita. O seu coração treme; os seus olhos saltam.

A ninguem como ao avaro, aterra mais a morte. Não o aterra tanto pelo simples facto de morrer, senão porque não póde levar o dinheiro comsigo. A irreconciliação entre a repugnancia do avaro á lei commum da morte e esta é tal, que muitos hão decretado na hora suprema, que a burra os acompanhe ao tumulo, e durma com elles o somno da eternidade!

(Continúa).

NOGUEIRA DA SILVA.

JOÃO ADAM SCHAAL,

E A NOBREZA RETROACTIVA NA CHINA.

O celebre jesuita allemão, João Adam Schaal, nasceu em Colonia em 1591. Passou á China e ajudado pelos missionarios portuguezes, penetrou no imperio, onde desde 1620 prégou com muito exito o Evangelho na provincia de Xan-sé. Adquiriu tal fama pelos seus conhecimentos scientificos, que pelo governo foi chamado a Pekim, e gozou de grande privança com o imperador Chun-Tché, que lhe conferiu elevados cargos. Para a nomeação d'um d'elles expediu-se o seguinte diploma, que foi publicado na gazeta de Pekim, e cuja traducção damos como curiosa amostra da fórma e estilo de taes documentos.

«*Decreto a favor de João Adam Schaal, segundo as ordens do ceo, etc.*

«Quando o ceo manda ao mundo um homem eminente por sua honradez e fidelidade, tambem envia ao mesmo tempo um soberano que possa utilisar-lhe os serviços e recompensar-lhos. Eis porque quero patentear o merito de tal homem, e fazel-o regozijar de me haver servido.

«Esse homem eminente és tu, João Adam Schaal, grande e illustre mandarim. Desde a tua infancia familiarisado com as sciencias mathematicas, chegaste a este paiz tendo atravessado infinitos mares, e desde alguns annos vives entre nós; que tambem em tempo opportuno viemos ao mundo para que podessemos ouvir fallar de ti e conhecer-te.

«Tendo admirado as obras scientificas que publicaste, te chamámos para te collocar na presidencia do tribunal das mathematicas; e, apesar da tua repugnancia, acceitaste por fim este cargo. Teus calculos astronomicos sempre tem concordado com as leis celestes. As regras dos antigos eram muitas vezes incertas e infundadas: tu as discutiste, e lhe fizeste correcções, apurando e dilatando a sciencia que te fôra confiada.

«Em consequencia do exposto julgámos necessario conferir-te emprego mais elevado em dignidade, qual o de Ta-Chan-Sse do grande tribunal; querendo por esta distincção excitar o teu zêlo, e fazer que nos communiques fielmente todas as tuas descobertas. Além d'isso ficas sendo um dos nossos familiares, e te promettemos sincera benevolencia.

«Sendo para todos occasião de regozijo o comêço do novo reinado, cumpre que tu não fiques privado d'esta commum alegria, que aliás quero participes comnosco; e por isso acrescentâmos á tua dignidade o titulo de Ton-houi-Tai-Fou (sabio e penetrante mestre), que pertence aos grandes do imperio; e ordenâmos que o presente rescripto d'isso dê fé.

«Tem coragem; que estes favores, devidos só ao teu merito, ainda serão augmentados. Quanto mais se manifestem teu genio e sciencia, mais crescerão tambem as recompensas e as distincções. Queremos unicamente em premio d'estes favores, que tua sciencia, honradez, fidelidade e virtude brilhem no mundo inteiro.... Dado no oitavo anno do reinado de Chun-Tché.»

Este diploma fez admittir Adam Schaal na primeira aristocracia do imperio; e como consequencia quiz o imperador tambem ennobrecer os seus antepassados, para o que lhe enviou dois especiaes diplomas conferindo titulos ao pae e mãe do sabio jesuita.

Na China os mandarins civis e militares que se distinguem no serviço publico são recompensados com titulos. taes como *kung*, *heú*, *fá*, *tie* e *nan*, que podem corresponder entre nós aos de duque, marquez, conde, barão, e cavalleiro. Estes titulos nunca são hereditarios, e nenhuns direitos dão aos filhos das pessoas recompensadas; mas podem reverter aos ascendentes, o que, segundo as nossas idéas, muito extravagante parece.

Este costume foi introduzido por causa de certas ceremonias funebres que todos os chins devem cumprir para com seus paes fallecidos, e nas quaes são invocados seus titulos e dignidades. N'outro artigo trataremos especialmente d'este uso, sem duvida respeitavel. Para o nosso assumpto basta agora saber, que qualquer empregado de elevada gerarchia não póde convenientemente cumprir os ritos funebres, se os seus antepassados não tiverem distincções correspondentes ás que elle possue. Suppor que o filho é mais qualificado que o pae, seria transtornar completamente a hierarchia, e attentar contra o principio fundamental da legislação e da sociedade chineza, que é o respeito e amor filial.

Celebre e estranho nos parece que os chins instituissem a nobreza, não sómente vitalicia, mas que em vez de transmittir-se aos descendentes, como em quasi todas as sociedades conhecidas, reverta aos antepassados, ainda que já defunctos. No entanto, se nós europeus, despidos do orgulho e preconceitos que temos sobre as excellencias da nossa civilisação, examinassemos imparcialmente este assumpto, talvez se reconhecesse que mais vantagens e menos inconvenientes haveria em fazer recair nos paes, e não nos filhos, a nobreza e distincções que qualquer individuo adquira.

Existem ainda os diplomas que o imperador Chun-Tché mandou ao padre Schaal, para nobilitar seus paes. Em seguida os traduzimos d'uma traducção franceza, como mais curioso e apropriados para conhecimento das opiniões e costumes do povo chinez.

Para o pae de João Adam Schaal.

«É verdade conhecida em todo o mundo, que os homens que possuem virtudes e perfeições, de ordinario as receberam de seus paes. Por tanto todos os que se gloriam de ser filhos de bons paes, devem fazer-lhes reverter sua reputação e fama, porque d'elles a houveram.

«Quanto a ti, Adam Schaal, examinando as perfeições que recebeste de teu pae, é conveniente que se lhe conceda grande mercê; por isso, no principio d'este novo reinado, julgámos dever conferir-lhe o titulo da dignidade que tu obtiveste.

«Tu, pois, Henrique Schaal, pae do Ta-Chan-Sse, presidente do tribunal das mathematicas; tu, que soubeste distinguir-te no reino que habitas, pelo modo de educar teus filhos, tens por isso adquirido grande celebridade. Vive satisfeito e sem inquietações, porque firmaste a tua fama sobre base eterna. Considerando os meritos do teu filho, que, tendo sido util a si e a nós, dilatou assim a tua reputação, voluntariamente te concedemos o titulo de *«homem de rara piedade»* com a dignidade de Ta-Chan-Sse, que te enviâmos n'este documento imperial, Tem coragem; instrue e educa bem teus filhos, porque é meio de augmentar a reputação. Teu filho se didicou inteiramente ao nosso serviço e ao do imperio; por isso não é sem motivo que te enviâmos este diploma, fazendo votos para que teus dias sejam felizes e tranquillos em quanto teu filho é por tua causa glorificado n'este imperio.»

Para a mãe de Adam Schaal.

«Qualquer estado bem constituido, logo que descobre um homem de merecimento deve por todos os meios indagar sua origem. Fazendo esta indagação, foi pela obediencia do teu filho que obtive os esclarecimentos que pretendia.

«Maria Schaiffart de Merode, mãe de João Adam Schaal, presidente do tribunal das mathematicas, foi por tua intelligencia e sollicitude que conseguiste um admiravel resultado. Pela tua engenhosa industria excitaste n'esse menino o amor ao estudo, e na verdade deve mais o seu adiantamento aos teus cuidados, do que ao proprio trabalho. É portanto conveniente recompensar-te com algum titulo, para que tua virtude seja de todos conhecida. Agora que começa o nosso reinado, não podêmos deixar de te louvar pela educação que déste a teu filho desde a infancia, e te condecorâmos com o titulo de *mulher de singular santidade*.

«Animo, pois: teu filho, lembrando-se dos virtuosos estimulos que teve nos seus estudos, glorifica-se por tal mãe que guiou seus primeiros passos e presta homenagem a teus meritos. Tambem nós egual homenagem te prestâmos, segundo os usos do nosso paiz; porque nos concedeste um filho que illustra todo o imperio. Teus favores serão publicados em todos os seculos, e todos dirão que foste mãe dotada de rara virtude.

«Dado no oitavo anno do reinado de Chun-Tché.»

O padre Schaal foi ainda depois elevado ao mandarinato de primeira ordem, e o mesmo imperador conferiu novos e correspondentes titulos a seu pae e a sua mãe, fazendo-os extensivos até aos terceiros avós.

C.

ENIGMA PITTORESCO



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.